



TÍTULO: “SABERES SENSÍVEIS E AS ARTES: ENSINO, PROVOCAÇÃO E AUTONOMIA” – UMA COLEÇÃO PARADIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Mara Rúbia Sant’Anna – UDESC

A partir da coleção paradidática “Saberes sensíveis e as artes: ensino, provocação e autonomia” uma abordagem didática foi sendo elaborada e constituiu-se no arcabouço do que se intitulou estratégias dos saberes sensíveis. O presente resumo expandido se desdobra de texto completo submetido a revista acadêmica no campo das artes com o seguinte título: “Perceber, dialogar e experienciar – convites a uma aprendizagem sensível”.

Dessa forma, objetiva-se dar difusão à coleção e à estratégia docente elaborada, desvelando algumas camadas das provocações educativas contida na referida coleção. A metodologia deste texto e da futura comunicação e debate consisti na análise crítica, autocrítica e consciente da proposta, que se encontra em permanente construção e modulação aos diferentes contextos e condições de aplicação.

Os fundamentos teóricos do que se denominou Saberes Sensíveis estão na teoria da complexidade de Edgar Morin (2015), no conceito de docência e pedagogia da autonomia de Paulo Freire (2022), no entendimento da percepção, do corpo e das dimensões fenomenológicas que envolve o ato cognoscente de Merleau-Ponty (2004) e, por fim, numa perspectiva transdisciplinar do ensinar e das artes, a partir do pensamento de Maria Cândida de Moraes (2010). Sem se restringir a esse pequeno grupo de teóricos e pensadores tão caros à contemporaneidade.

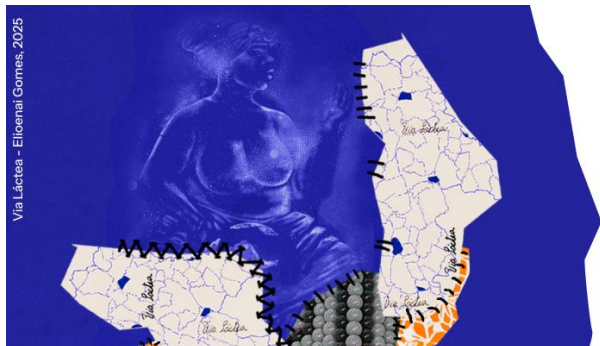
Afirmou Ruben Alves que “Um educador, ao contrário, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos” (2012, p. 36) e no escopo dessa poética definição da docência a estratégia dos Saberes Sensíveis foi elaborada. São os pastores de projetos, os mediadores da esperança e os fundadores de mundos que elaboraram a estratégia e que, desde 2016, continua

fomentando pesquisas e experimentações em torno dos Saberes Sensíveis. E somente a docência que se compromete com o Outro e o meio tem a atenção necessária para dialogar com a proposta que se justifica e se apresenta a seguir.

Inicialmente, pode-se afirmar que a estratégia dos Saberes Sensíveis é resistência ao modelo educacional centrado no conteúdo, ao docente que olha ao vago quando fala em sala, aos que desejam lecionar sem alunos, que tem pressa de cumprir o cronograma e impaciência de escutar histórias e rir junto. Ela admite todos os sujeitos envolvidos na educação, inclusive os que não se apresentam na sala: a família, os amigos, os desejos e os medos particulares, também a política, a economia mundial, a cultura das ruas, as *trends* das redes sociais.

Desenvolver a estratégia pedagógica que convoca saberes adjetivados como sensíveis exige começar com os sujeitos e finalizar neles. É preciso propor um plano de aula com muitas lacunas, que serão preenchidas com a história, a opinião e a perspectiva do estudante. Esse plano “lacunar” gera insegurança, imprecisão e a incerteza no docente adestrado ao papel de transmissor de conteúdo. Desloca o seu lugar de “dono da aula”. O atemoriza porque sugere o caos e até uma aula esvaziada de conteúdo. Diante do temor, o convite é compreender e exercitar mais a estratégia, enfrentar o programa e apostar na construção coletiva. Diante do conteúdo a ser trabalhado porque previsto na ementa, na BNCC, no planejamento da escola, o convite é semelhante: mantê-lo como desejado, porém subvertido em seus interesses ideológicos ou manipulações mercadológicas. Para tanto é necessário abri-lo e atravessá-lo com o cotidiano percebido a partir do olhar aguçado pela curiosidade, então, a partir do sujeito situado, trazer o conhecimento sistematizado – o conteúdo previsto para o bimestre – para o diálogo com o visto e sentido e, na continuidade, convocar a experimentação. Logo, o plano de aula assim constituído permite a contínua crítica, autocrítica docente e a construção coletiva dos saberes.

Para alinhar e sintetizar a discussão, de maneira pragmática pode-se afirmar que a estratégia possui três movimentos, que não são hierarquizados e nem



conseguem ser predefinidos, como se explicará em seguida e como já se assinalou acima. São eles: perceber, dialogar e experimentar.

A primeira convocação se dá com os sujeitos envolvidos no ato cognoscente e seu entorno pessoal, social e identitário. Perceber o que os toca é situar a ensinagem (Anastasiou; Pimenta, 2014), é começar pelo sentido e pela implicação do sujeito com aquilo que ele aprende. Como também, a inclusão do ser docente com aqueles que aprendem, onde sua realidade e apreensões também são expostas como a dos estudantes.

Na continuidade ou melhor, como num balé que um movimento leva a outro, a segunda convocação é a do diálogo. Dialogar com a produção acadêmica, normativa, conceitual, formativa que a área de conhecimento em que atua o docente se dá.

Neste caso, a estratégia não abandona o próprio fim social que a escola definiu para si a séculos: o da transmissão do conhecimento produzido pela humanidade. Todavia, não admite uma transmissão como uma transfusão de sangue. A estratégia bem aplicada exige o diálogo, apresenta os processos alheios de formulação de conceitos, de experimentos, de classificações e normatizações, contextualizando esses “conteúdos” como produções humanas, marcadas pelo tempo e uso de suas “verdades”. Ao mesmo tempo, na continuidade do bailado, o que foi percebido inicialmente como provocação coloca em questão e conduz o diálogo, fazendo com que o conteúdo sistematizado da área seja abordado criticamente.

Enfim, no segundo movimento da estratégia, o conteúdo não ocupa o lugar de fim e meio da docência, como um projeto firmado entre docente e as páginas da apostila assinaladas para a aula X ou o tema definido no plano semestral. O conteúdo é meio para ampliar percepções, inquietações e motivar mais o diálogo, a apreensão e a re-per-cepção inicial.

Embalados nos movimentos iniciais, os envolvidos e comprometidos com a estratégia dos Saberes Sensíveis têm mais convocações a enfrentar do que passos a seguir.

Logo, o desenvolvimento da estratégia continua na convocação à experimentação, ao exercício de dialogar, criar e apreciar o próprio ato cognoscente que se iniciou com a provocação de olhar e sentir algo de si, de sua vida, de seu entorno, que passou pelo diálogo com outros conceitos, teorias e experimentos e se finaliza com sua própria experimentação.

A coleção “Saberes sensíveis e as artes: ensino, provocação e autonomia” contém três volumes, com os seguintes títulos: “O desenho que provoca o riso”; “Olhar, sentir e fazer” e “Perceber a si, ver o outro, estar no mundo”. O volume 1 se volta para os primeiros anos do Fundamental II, e o volume 3 para os anos finais. O volume 2 teve como público-alvo os estudantes do Fundamental I.

Os volumes na íntegra estão disponíveis na plataforma Google Books e podem ser apreciados, baixados e aplicados a critério dos interessados. Para exemplificar o que foi defendido nos parágrafos anteriores, cita-se as propostas do eixo “Relevos e Texturas”, sob o título “Feito com as mãos”, subitem 3.4.

A primeira provocação consulta a memória e a visualidade das crianças perguntando: “você tem em sua casa algum artesanato?” e segue questionando do que são feitos, os formatos, usos, vínculos com a cultura local. Na continuidade para aguçar a percepção do objeto escolhido, é sugerido a realização de um decalque a partir da peça a fim de captar a textura, tanto a adquirida no papel como a existente na peça. No segundo momento, convoca-se dois artistas: Dhiani Pa’saro e Jair Renato Farias. Ambos trabalham com artesanato de fins decorativos. Dhiani pertence à etnia Wanano e nasceu na região do Alto Rio Negro, Amazonas. Jair nasceu em Porto Alegre e vive numa cidade do interior de Santa Catarina, chamada Imbituba. Diante das imagens das obras selecionadas dos artistas, as crianças são provocadas a pensar nos materiais, nas técnicas empregadas, na composição, nos sentidos culturais que cada um carrega. A transdisciplinaridade está posta. O

diálogo se enriquece com a mediação docente que fez a seleção das obras, conforme interesses educacionais de tratar de diferentes condições de produção e apreciação no campo das artes visuais. A última provocação, no campo do experimentar, convoca a duas possibilidades de diálogo, percepção e criação com o visto e sentido na textura inicial, passando pelas obras dos artistas selecionados para o diálogo. Os estudantes são convidados a pegar palitos de fósforo, de dente ou até de churrasco que tenham em casa, tingi-los por meio do contato com alimentos, como sucos e café e “Depois de secos faça uma colagem montando algo que lembra a sua cidade”. Como Dhiani trabalhou com a marchetaria, o trabalho com palitos almeja a aproximação. Também é proposto que a criança procure plantas, cipós ou fios diversos e faça uma trança incluindo diferentes materiais. Distinto do que Jair Renato Farias propõe ao trabalhar com a palha da bananeira, mas igualmente, explorando a riqueza das fibras vegetais e suas distintas texturas.

Neste processo, a autonomia do sujeito e a sua emancipação de pensar e agir não são discursos pronunciados como palavras de ordem diante da classe. São exercícios ativos de reconhecimento de si como autônomo, emancipado de um modelo definido pelo/a docente.

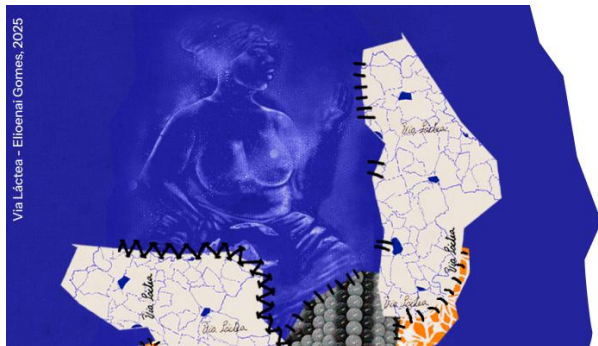
Evidencia-se, enfim, a coerência entre a proposta e seus fundamentos teóricos e se insiste no convite a perceber, dialogar e experienciar no fazer docente como uma estratégia potente para desequilibrar o programa neoliberal que reduz à condição de mercadoria os sujeitos e a educação.

Fica o convite para buscar os volumes das coleções e o texto completo em futura publicação acadêmica.

Referências

ALVES, Ruben. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 14a ed. Campinas/SP: Papirus, 2012.

ANASTASIOU, Léa G. C.; PIMENTA, Selma G. **Docência no Ensino Superior**. Rio de Janeiro: Cortez, 2014.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, 72a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**: seguido de A linguagem indireta e as vezes do silêncio e A dúvida de Cézanne. São Paulo: Cosac & Naify, 2004

MORAES, Maria Cândida. Transdisciplinaridade e educação. **Revista Rhizome Freirean**. Vol. 6, 2010. Disponível em: <https://www.rizoma-freireano.org/articles-0606/transdisciplinaridade-e-educacao-maria-candida-moraes> Acesso em 12/12/2024.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Cap. 3 O paradigma complexo e Cap. 4 A complexidade e a ação. 2015

SANT'ANNA, Mara Rúbia et. al. **Saberes sensíveis: ensino, provocação e autonomia**. Vol. 1; Vol.2 e vol. 3. [Coleção paradidática]. Florianópolis: Editora da UDESC, 2021. 2022 e 2024. Disponíveis em: